

COTAG: mais de uma década de luta do(a)s TAEs

Elaine Muniz Pires¹

Elson Luiz Mattos Tavares da Silva²

A reunião de narrativas relativas à história do campus Guarulhos, não poderia deixar de contar com memórias quanto à atuação do Colegiado dos Técnicos-administrativos do campus Guarulhos (COTAG), que completou dez anos em maio de 2021³.

Apesar de serem considerados, por vezes, meros burocratas e funcionários de segunda categoria que pouco ou nada devem decidir quanto aos rumos da universidade, os trabalhos exercidos pelo(a)s técnico-administrativos em educação (TAEs) são fundamentais enquanto atividade-meio para o funcionamento institucional, para garantia da legalidade, para promoção da equidade de condições e direitos dos estudantes, para o exercício da pesquisa, do ensino e da extensão.

O COTAG funciona de forma coletiva, buscando sempre o consenso, sem dirigentes, com participação voluntária. Não possui estrutura fixa, mandatos eletivos ou regulamento interno. Criado em 26 de maio de 2011, em uma das salas do CEU Pimentas emprestadas à EFLCH, por 17 servidores (mais de 30% do total de TAEs à época), o COTAG acompanha a trajetória e a luta da categoria que o constitui. Nesta década de existência, muitas reuniões, manifestações públicas e representação nos conselhos, comissões e câmaras técnicas foram discutidas coletivamente e levadas por este colegiado.

A decisão de uma auto-organização de TAEs, inédita na UNIFESP à época e a única que persiste até os dias atuais, é resultado de uma conjunção de fatores em torno de um problema central: a precariedade de trabalho no *campus* que impacta a vida dos

¹ Técnica em assuntos educacionais na EFLCH desde 2010 e atua no Núcleo de Apoio Pedagógico. É historiadora, mestre em História pela PUC-SP e doutora em Educação pela FEUSP.

² Analista de TI na EFLCH de 2011 a 2022, atualmente atua na STI. Historiador e Mestre em História pela EFLCH/Unifesp.

³ Este texto foi originalmente enviado para o Observatório Institucional do campus como relato de experiência em janeiro de 2021.

servidores e a qualidade do trabalho desenvolvido. Dentre estes fatores encontra-se a iniciativa do servidor Diego Martin Casado que insistiu com colegas quanto à importância da organização e agendou a reunião inaugural; a necessidade sentida pelos TAEs de definir um posicionamento coletivo quanto às greves estudantis que agitavam o campus; a formação de alguns TAEs na área de humanas; a experiência de outros em movimentos sindicais e as condições de trabalho que desagradavam (e ainda desagradam) a vários. A história do COTAG se confunde assim com a trajetória da categoria na EFLCH.

É importante lembrar as condições inóspitas que encontraram os primeiros e as primeiras TAEs quando da criação do *campus* em 2007. Além da quantidade irrisória de trabalhadores e das péssimas condições estruturais de funcionamento, a falta de planejamento e de orientação institucional tornaram os primeiros anos muito difíceis. Não havia orientação institucional quanto aos trabalhos a serem exercidos, às funções de cada cargo, procedimentos administrativos, recursos institucionais, entre outros. A Reitoria, praticamente fundida com o *campus* São Paulo já que a sede estava instalada anexa ao Hospital, era uma entidade distante.

A experiência de servidores que se transferiram para Guarulhos oriundos do *campus* São Paulo, assim como de colegas que já possuíam experiência em outras universidades, foram fundamentais na organização dos trabalhos realizados nestes primeiros anos. Assim, os TAEs e as TAEs de Guarulhos tiveram que inventar formas para fazer funcionar um *campus* da universidade, apesar das condições adversas.

Em 2010, um incremento importante de novas vagas de servidores TAEs chegou ao *campus*. Setores praticamente inteiros foram fundados a partir deste ingresso, como o Núcleo de Assuntos Estudantis (NAE) e a atual Secretaria Interdepartamental, que na época contava com apenas uma secretária para atender todos os cursos de graduação. O aumento do número de servidores, no entanto, não supriu as necessidades locais. A quantidade de estudantes não parava de crescer, sobretudo com a criação de dois novos cursos em 2009, o que tornou Guarulhos o *campus* com maior número de alunos e menor número de técnicos.

Associado ao tamanho da comunidade acadêmica e da criação de novos setores, a precária institucionalização dos trabalhos e fluxos continuava a ser uma dificuldade no exercício do trabalho técnico. A falta de estrutura da reitoria que oferecesse respostas às demandas específicas dos *campi* fazia com que todos os olhos e procedimentos se voltassem à área da saúde. Não é à toa que até pouco tempo nossos crachás estampavam

o brasão da Escola Paulista de Medicina e que a foto de um anfiteatro no Campus São Paulo que ainda decora o sistema de registro acadêmico (SIIU).

Muitos serviços que hoje são informatizados eram feitos de forma manual, como a entrega de tíquetes alimentação para o restaurante universitário, as listas de presença das aulas e a carteirinha para uso da biblioteca, serviço não integrado ao crachá. Isto sem contar que durante alguns meses, as solicitações de auxílio estudantil eram recebidas por um servidor que não tinha especialização na área, dada a ausência de assistentes sociais.

Parece sintomático, portanto, que TAEs deste *campus* tivessem a necessidade de reunião para pensar em formas de organizar o local de trabalho, formas de atuar politicamente juntos de outros atores para melhoria das condições do campus e para a defesa dos interesses da categoria. O COTAG passou a participar ativamente da Congregação, assim como de outros conselhos e comissões institucionais locais e gerais. Nestes espaços, representantes TAEs atuam visando a legalidade e a melhoria dos processos administrativos, debatem a universidade e lutam ao lado dos estudantes pela paridade nos conselhos e por pautas estudantis. São exemplos de atuação do colegiado, para além de questões trabalhistas, a defesa da categoria pela permanência do *campus* no bairro dos Pimentas em 2013, a participação ativa no congresso institucional em 2014, assim como o envolvimento nas consultas eleitorais através de apoios situados e debate entre colegas quanto aos projetos de universidade e candidaturas.

O COTAG também atuou fortemente nas greves de TAEs em 2011 e 2015. Em 2011, junto a colegas da Baixada Santista, TAEs de Guarulhos participaram de diversas assembleias em São Paulo e com a reitoria, e procuraram mostrar para o sindicato da categoria, até então imerso apenas nas reivindicações dos servidores do Hospital São Paulo, a diversidade do segmento e a importância da defesa das mais diversas pautas. No *campus*, aderiram quase em sua totalidade à greve. Foram mantidos apenas serviços essenciais. A rematrícula de estudantes da graduação não foi realizada por grevistas naquele ano.

Em 2015, a adesão à greve nacional de TAEs também foi significativa no *campus*. TAEs de Guarulhos compuseram o comando de greve unificado e as vans para assembleia iam cheias. Assim como em 2011, as pautas locais concentravam-se em melhores condições de trabalho. Neste ano, o processo de rematrícula não foi realizado no prazo regular em nenhum *campus*, dada a forte adesão de servidores da Pró-Reitoria de Graduação.

Ainda que estas duas greves não tenham terminado com conquistas diretas significativas no âmbito federal, muitos foram os ganhos locais advindos delas, frutos destes processos. O fortalecimento da categoria no *campus* e na instituição, contribuiu para a regulamentação de trabalhos, setores e de processos administrativos, para a criação da Pró-reitoria de Gestão com Pessoas, assim como para a aprovação da flexibilização da jornada de trabalho (30 horas) em 2014, para a regulamentação do afastamento para qualificação e capacitação em 2015 e para o aumento do número de servidores nos *campi*.

Os TAEs e as TAEs de Guarulhos sempre estiveram comprometidos com estas pautas. A eleição de TAEs para vários conselhos centrais da Universidade é prova disso. No Conselho Universitário, pelo menos um representante do *campus* é eleito desde 2012, tendo ocupado inclusive duas cadeiras no período 2012-2014 com Elaine Pires e Elson Silva. É marca também desta atuação e comprometimento que o primeiro projeto para as 30 horas da área administrativa foi escrito por TAEs de Guarulhos e da Baixada Santista durante a greve de 2011. Dois servidores oriundos do *campus* presidiram a comissão de implantação das 30 horas: a secretária executiva Lilian Bispo (servidora de Guarulhos até 2012, atualmente em Osasco), e o psicólogo Adriano Araujo.

A mobilização TAE foi fundamental também para a consolidação do *campus* no bairro dos Pimentas. No processo que resultou na construção do principal edifício acadêmico, contribuíram com protagonismo para a mudança e adaptação das atividades para o *campus* provisório, desde as reformas necessárias à elaboração de um plano para ocupação do edifício alugado no centro, até o retorno definitivo para o campus.

Evidentemente esta história não é uma história só de conquistas, de protagonismo e de harmonia entre o corpo técnico. Apesar de, em geral, os posicionamentos e demandas serem tomadas de forma consensual, em algumas situações as cisões foram maiores, assim como em alguns períodos o colegiado pouco atuou. No entanto, sempre que há necessidades mais prementes que podem comprometer as condições de trabalho ou o funcionamento institucional, o colegiado se reorganiza.

Entre idas e vindas, períodos com maior adesão e outros mais distantes, o corpo técnico-administrativo de Guarulhos continua lutando por melhores condições de trabalho, pela democracia e pela universidade pública, gratuita e de qualidade.